



---

## História das Mulheres: marcas de gênero e reflexões sobre a História Oral

---

### History of Women: gender issues and reflections on Oral History

*Tailine Audilia de Santi<sup>1</sup>*

*Jean Sebastian Toillier<sup>2</sup>*

#### Resumo

Com este breve estudo objetivamos trazer algumas discussões sobre gênero e a escrita da história que perpassam por dois trabalhos que estão sendo produzidos no Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Assim, abordamos a discussão sobre gênero como uma categoria de análise histórica e seu papel na escrita da história. Na sequência, apresentamos ideias que tratam sobre uma nova historiografia que leve em conta essa categoria, bem como o elo que a história oral nos possibilita enquanto referencial metodológico. Por fim, trazemos apontamentos sobre duas pesquisas que utilizam essa metodologia, feitas com educadoras matemáticas e que são atravessadas pelas discussões de gênero, o que demonstra o papel político desempenhado na escrita da história e a potência desse tipo de estudo na História da Educação Matemática.

**Palavras-chave:** História da Educação Matemática; Educadoras Matemáticas; História.

### O gênero como uma categoria de análise histórica

Neste breve estudo traremos algumas ponderações sobre a temática de gênero como um dos elementos constitutivos para possíveis análises históricas. Desse modo, intencionamos apresentar esse tema e tecer apontamentos que abordem como ela pode surgir em discussões que perpassam o uso da história oral e que nos leva a aplicações na História da Educação Matemática.

Conforme apontado por Joan Scott (1995), as discussões acerca da temática de gênero são recentes, com estudos mais aprofundados feitos a partir de 1975 por

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), câmpus de Rio Claro. E-mail: [tailine.santi@unesp.br](mailto:tailine.santi@unesp.br).

<sup>2</sup> Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), câmpus de Cascavel, vinculado ao Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas. Doutorando do programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), câmpus de Rio Claro. E-mail: [jeantoillier7@gmail.com](mailto:jeantoillier7@gmail.com).

feministas norte-americanas que estudavam a importância dos sexos. Para essa autora, a ampliação das discussões acerca dessa temática se deu em um período inflamado pelas ideias na virada linguística, um movimento que trouxe uma mudança no paradigma científico e que tem como uma de suas marcas não buscar uma única origem, mas por meio da interconexão dos processos.

As discussões sobre gênero passaram por vários caminhos e tiveram uma aproximação grande com os estudos de classe e raça, pois carregava “[...] o envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía narrativas dos/as oprimidos/as e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão [...]” (Scott, 1995, p. 73). Além disso, a autora salienta que a partir desses três tipos de estudos era possível entender acerca das desigualdades de poder. Conforme Louro (1995), os processos de construção de gênero, classe ou raça não apenas se interferem mutuamente, mas também são resultados do que é imposto pela sociedade.

Com base nisso, passou-se a encontrar cada vez mais formulações teóricas que servissem como solo para os/as historiadores/as feministas, pois se fazia necessário ter uma perspectiva que sintetizasse uma explicação sobre as continuidades e descontinuidades e que suprisse a demanda de discutir as desigualdades que permeiam o tema (Scott, 1995). Contudo, o modo de apresentação do trabalho histórico não trazia a devida problematização que servisse para abalar estruturas de poder ou, até mesmo, transformá-las (Scott, 1995).

A partir dessas discussões, a definição de gênero adotada por Scott (1995) permeia tanto um elemento constitutivo de relações sociais que se percebe entre os sexos como um modo primário de significar as relações de poder. Com base nessa ideia constituída no seio das relações sociais, a autora elenca que quatro elementos se inter-relacionam: o primeiro diz sobre os símbolos produzidos que evocam relações simbólicas de gênero, muitas vezes contraditórias; o segundo trata dos conceitos normativos oriundos de doutrinas religiosas, científicas, educativas, entre outras, que nos conduzem a interpretações de significados dos símbolos; o terceiro aborda as instituições e organizações sociais e econômicas que são envolvidas pelo papel que desempenham, carregando o aspecto político que o debate sobre gênero suscita; e, por último, o caráter subjetivo, pois é preciso que se examine “[...] as formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas” (Scott, 1995, p. 88).

Esse último elemento aponta para o modo como deve ser encarado o papel do historiador, pois o gênero “[...] fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (Scott, 1995, p. 89). É a partir de uma busca feita pelo historiador que se nota a maneira como o conceito de gênero tanto legitima como constrói as relações sociais (Scott, 1995). Com base nesses pressupostos é que nós, historiadores da Educação Matemática, buscamos relacionar abordagens metodológicas que potencializem a temática de gênero e o aspecto político que cerca esse tipo de escolha.

## **História das Mulheres e uma nova história**

Joan Scott nos disse que, ostensivamente, a escrita da “história tradicional” privilegiou certos aspectos da esfera social, universalizando o devir histórico e impondo à história uma cultura etnocêntrica e patriarcal (Scott, 2008). Assim como

afirma Joana Pedro, a “forma de escrever a história, costumeiramente chamada de “positivista”, ou às vezes “empirista”, dava destaque a personagens, em geral masculinos [...]” (Pedro, 2005, p. 83). Virginia Woolf em sua obra “Um teto todo seu”, de 1929, dedicada a refletir sobre a mulher e a literatura, deixou em evidência seu posicionamento sobre a prática historiográfica em relação às mulheres. Woolf (2004) acusou a tendência da historiografia existente de seguir uma postura parcial e insuficiente, elucidando seu perfil masculino e excludente (Scott, 1992). Na França, vinte anos depois, em 1949, temos a obra de Simone de Beauvoir, “O Segundo Sexo”, em que ela afirma categoricamente a “incompletude” da história, pois, embora não pretendesse preconizar um ou outro sexo e objetivava uma escrita de forma “universal”, na realidade desconsiderava uma metade da humanidade, o outro sexo: as mulheres.

Para as mulheres “entrarem para a história” tiveram que empreender esforços para construir seu espaço com árduas lutas no campo acadêmico, profissional, político etc., rompendo com as tradicionais formas da escrita da história (Scott, 1995). Não somente serem incorporadas às histórias preexistentes, como uma “história compensativa”, mas serem inscritas em uma nova história. A História das Mulheres não pretende ser a história da outra parte da humanidade (Pedro, 2005). Foi no século XX que as mulheres conquistaram o direito de terem a sua história registrada. Entretanto, na academia, conforme Mary Del Priore, nesse primeiro momento, os estudos sobre as mulheres eram vistos com grande descrédito pela maioria dos historiadores, em que o estudo sobre o feminino era tolerado ou marginalizado (Priore, 1998). Queremos elucidar que nosso intuito não é colocar em pauta a questão da “verdade” de uma história (nos modos tradicionais), mas dar espaço para histórias, no plural. Não como um adendo à história geral, mas como uma nova história.

Sara Beatriz Guardia nos disse que “a reconstrução do passado feminino supõe uma mudança de paradigma, reformular as categorias de análise histórica e, portanto, reescrever a história de uma alternativa de oposição com novos modelos interpretativos” (Guardia, 2005, p. 20, tradução nossa). É nessa perspectiva que a nova historiografia significa uma nova avaliação de experiências femininas, inaugurando maneiras de abordar a história em conjunto com a revisão modelos que permeiam todos os grupos sociais e os fatores diferenciais que afetam as mulheres (Guardia, 2005). A história social deve assumir a dimensão que considere a relação entre os sexos como fatores fundamentais do devir histórico e que, por essa razão, as relações desiguais entre os sexos são construções desiguais entre homens e mulheres e que estão presentes na produção dos mecanismos de desigualdade social (Scott, 2008).

A história das mulheres deve ser escrita conforme uma investigação diferente da aplicada na historiografia tradicional (Scott, 2008), haja vista que essa não tem uma definição na tradição historiográfica. Isso significa reescrever a história sob uma perspectiva feminina, inserir novas formas de interpretação, reformular análise histórica e revisar conceitos e métodos existentes com o objetivo de tornar as mulheres sujeitos da história, mostrando como atuam/atuaram e resistiram/resistem às circunstâncias impostas culturalmente (Guardia, 2005). A História Oral é, também, representativa da nova história, que apresenta uma nova valorização das experiências das mulheres mediante uma nova forma de abordar a história, revisando modelos de significação que estavam imbricados nos grupos sociais,

visibilizando os fatores distintos que afetam as mulheres (Guardia, 2005).

Ao privilegiarmos as relações de gênero como categoria de análise histórica e a memória, concebemos uma síntese das relações materiais, subjetivas, culturais, simbólicas e construídas, o que possibilita mostrar discursos que moldaram as diferenças baseadas nos papéis atribuídos a um ou outro gênero. É neste momento que justificamos o sentido e a importância da História Oral nas pesquisas dos autores deste breve estudo. A historiografia atual oferece um debate ainda pendente relativo aos fundamentos da teoria histórica em que metade da população ficou esquecida enquanto objeto de estudo (Beauvoir, 2019). É por esse motivo que uma aproximação com o tema da história das mulheres, dos estudos de gênero e da memória feminina com a perspectiva da história oral se faz necessário para possibilitar a entrada na cena historiográfica desses sujeitos.

## **Dois caminhos na História da Educação Matemática**

Nossa concepção de História Oral é pensada pelos pressupostos metodológicos e teóricos defendidos pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem). Assim, conforme Garnica, Fernandes e Silva (2011), entendemos que a história oral é uma metodologia com a função de criar fontes historiográficas, que pode ser explorada por diversos instrumentais analíticos e que permite estudos pautados, muitas vezes, nos limites impostos pelas subjetividades.

As discussões de gênero permeiam duas pesquisas que são realizadas no Ghoem, atualmente. A primeira trata-se de um mestrado que visa tecer compreensões sobre o movimento de constituição/instituição da Educação Matemática no estado do Paraná por meio da história de vida de educadoras matemáticas paranaenses e, ainda, tecer compreensões sobre os significados produzidos por educadoras matemáticas em suas narrativas sobre suas vivências e enfrentamentos em relação às marcas de gênero que perpassam suas vidas e trajetórias na docência, e sobre as relações entre esses enfrentamentos<sup>3</sup> e o processo de feminização do magistério. Já a segunda é uma pesquisa de doutorado que discute como se dá a constituição em uma educadora matemática de Lourdes de la Rosa Onuchic, a partir de uma perspectiva de escrita biográfica, em que ocorre a mobilização de fontes orais e que as questões de gênero aparecem como intrínsecas à vivência da biografada, sendo um dos movimentos analíticos que se faz presente na trajetória de vida da personagem.

Em ambas as pesquisas, a história oral foi mobilizada para a constituição de fontes historiográficas por meio de narrativas de mulheres, de forma que a discussão de gênero, em diversas vezes, permeia os momentos de narração. Primeiro, porque esses são dois trabalhos que falam sobre a história de vida de mulheres e, inevitavelmente, questões de gênero emergiriam. Segundo, essa nossa escolha por pensar em gênero enquanto uma categoria de análise histórica é justificada, pois não nos parece ser possível compreender a História das Mulheres e

---

<sup>3</sup> Enfrentamentos são situações cotidianas de ambientes em transformação contínua, abarcando aspectos familiares, pessoais, profissionais, políticos, culturais etc. Essas situações são subjetivas e, por essa razão, diferentes para cada indivíduo. Essas situações de enfrentamento “se traduzem em um movimento dinâmico, havendo uma reorganização das situações vividas por conta das escolhas cotidianamente apresentadas a esses enfrentamentos, que se faz e refaz na vida cotidiana, e que se reconstrói a cada dia, a cada momento na vida de determinado indivíduo” (Silva, 2013, p. 11).

a história de como as mulheres adentraram as salas de aula sem perceber que essa foi uma história que se deu, também, no terreno das relações de gênero – as representações de masculinidades e feminilidades e os lugares sociais previstos constituem o processo histórico (Louro, 2000). É observando por essa perspectiva que a utilização do gênero como categoria análise ganha enorme utilidade para a compreensão da divisão/segregação sexual do trabalho contida na feminização da docência e para a compreensão dessa ideia de feminino produzida por esse espaço.

## Considerações finais

Com esse breve panorama sobre as discussões de gênero na escrita da história e explicitando com duas pesquisas em que essa temática está presente entendemos as potencialidades que elas podem ter para uma escrita da história que abarque outras versões.

Nessas duas pesquisas, optou-se muito mais do que simplesmente apenas utilizar a história oral e ouvir mulheres. Concordamos com Albuquerque Júnior (2019) e Benjamin (1987) que estamos realizando uma escrita da história com uma intencionalidade e isso se constitui em um ato político. Não apenas a escolha de um determinado público é um ato político, a escolha metodológica também o é.

Romper com uma forma “tradicional” de pesquisa histórica e fazer desse estudo emergir discussões que não sejam apenas uma mera representação do que aconteceu constitui nosso ato político. Tensionar as discussões de gênero e as opções metodológicas é mostrar que tantas lutas e bandeiras levantadas pelas discussões de gênero são pertinentes e devem fazer parte do escopo de pesquisas da História da Educação Matemática.

## Referências

- Albuquerque júnior, D. M. (2019). História e política, ou a arte de fazer escolhas. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 186-191, set.-dez.
- Beauvoir, S. de (2019). *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Volume 1. Editora Nova Fronteira. 5ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. Edição comemorativa 70 anos.
- Benjamin, W. (1987). Teses sobre o conceito de história. In: Benjamin, W. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense. (Magia e Técnica, Arte e Política, v. 1).
- Garnica, A. V. M; Fernandes, D. N. & Silva, H. (2011) Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. *Bolema*. Rio Claro, p. 213-250.
- Guardia, S. B. (2005). Historia de las mujeres: un derecho conquistado. In: Guardia, S. B. (org.). *La escritura da história de las mujeres en la América Latina: el retorno de las diosas*. 1º ed. Lima: CEMHAL.
- Louro, G. L. (1995). Gênero, história e educação: Construção e desconstrução. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132.

- Louro, G. L. (2000). Mulheres na Sala de aula. In: (Org.) Priore, M. D. *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto.
- Pedro, J. M. (2005). Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História* [online]. vol.24, n.1.
- Priore, M. L. M. (1998). História das Mulheres: As vozes do silêncio. In: Freitas, M. C. de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto.
- Silva, A. A. (2013) *Narrativas de professores de matemática sobre seus enfrentamentos cotidianos*. 2013. 227 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. n. 2, p. 71-99.
- Scott, J. W. (1992). História das Mulheres. In: Burke, P. (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora UNESP.
- Scott, J. W. (2008). *Gènere y História*. México: FCE, Universidad Autonoma de la Ciudad de México.
- Woolf, V. (2004). *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.